

Para conhecer, escute seu corpo:
diálogos entre Wilhelm Reich e Baruch Spinoza

José Vicente P. J. Carnero

Introdução

No início da obra *Análise do Caráter* (2001a), Reich apresenta algumas questões concernentes à *teoria e prática* psicanalíticas que não apenas permitiram o desenvolvimento da teoria e prática do autor, como colocaram questões importantes a respeito *da maneira de se produzir conhecimento na clínica ou mesmo em qualquer campo de análise que implique processos vívidos*. Dessa maneira, tomaremos como fio condutor alguns diálogos que Reich estabeleceu com a psicanálise no intuito de construir uma metodologia clínica que desse conta de resolver os problemas clínico-teóricos que se colocavam na época. Nesse sentido, a proposta de Reich apontava, como problema localizado entre a teoria e a prática, que o analista apenas poderia chegar a um entendimento adequado do caso e, conseqüentemente a uma intervenção adequada, se partisse de uma compreensão *causal e específica ao próprio caso*. Nesta premissa, Reich apontava que a *metodologia* deveria se pautar estritamente nos princípios funcionais da Natureza.

O problema do conhecimento em Reich – sobre como estabelecer um entendimento adequado a respeito de um fenômeno que se pretenda investigar – suscita questões muito próximas àquelas propostas pelo filósofo Spinoza no século XVII. Ambos os pensadores evidenciaram *o papel fundamental dos afetos e da inserção do corpo no processo de conhecimento*. Tanto Reich quanto Spinoza tomaram a expansão e a alegria como finalidade ética nas atividades cotidianas, políticas e terapêuticas. O parâmetro da *potência* apresenta-se, então, como princípio fundamental no pensamento dos dois autores e é a partir dele que o problema do conhecimento é colocado, assim como o da própria atividade vital do ser.

Reich e Spinoza, contudo, evidenciaram em suas obras o papel do sofrimento, da fraqueza e da impotência. A possibilidade e a impossibilidade de uma vida mais plena e potente derivam da implacável lei natural da vida, a qual postula que a sobrevivência depende de uma capacidade de *desfrutarmos* das coisas e nos *unirmos* a elas. Neste sentido, no pensamento dos autores, o conhecimento envolve uma dimensão de *comunalidade* entre corpos, o que implica *a capacidade do corpo de acessar este plano comum* e poder, acerca dele, ter ideias verdadeiras e adequadas.

Como disse Spinoza em *Ética* II, Postulado 4, "o corpo humano tem necessidade, para conservar-se, de muitos outros corpos, pelos quais ele é como que continuamente regenerado" (SPINOZA, 2007, p. 105). Isso significa que, para *conservar-se*, cada um necessita de outro, necessita *nutrir-se de vida, agenciar-se*. O *impulso de vida na direção de uma fonte* que venha trazer alegria pode ser percebido com facilidade na alimentação e no sexo, que se encontram ligados a uma *função econômica* da vida, de assimilação de energia, por meio da qual um ser *atualiza* sua potência.

Em Reich e Spinoza apresenta-se a ideia de que todos os seres são seres de necessidade. O necessário, contudo, não é o que implica uma prisão ou uma limitação, mas trata-se sempre de *relações necessárias* para que a vida não se torne fraca. O *necessário*, portanto, são *condições: condições de corpo biológico, condições de corpo social, condições de dispositivos para que a entropia não se instale no sistema para além das capacidades deste de dissipá-la*. Em relação às condições, já problematizara Reich a respeito da teoria e terapia psicanalíticas: o tratamento das neuroses é individual? Cabe pensar apenas em um sistema isolado como enfermo? Nesse sentido, o psiquismo não deixa de ser um sistema tanto quanto o corpo. O que se faz, igualmente,

com a sexualidade dos jovens, uma vez que tenha sido liberada? Não deve ser posta em agenciamento? Ou deve ser sublimada, escamoteada ou disfarçada? Como concluiu Reich, a alegria e o prazer não são sublimáveis, uma vez que todo anseio, todo impulso de vida parte de um afeto básico de expansão, do aumento da potência de agir. Por outro lado, explicou o autor, em toda neurose, em todo adoecimento somatopsíquico há uma perturbação da função sexual. Se o poder de ser afetado de um corpo não é preenchido por expansão e alegria, ao menos de modo geral, será preenchido por tristeza e constrição.

Eis porque Reich e Spinoza se voltam às condições práticas, ao entendimento das circunstâncias que permitam afetos potentes e possibilitem a um corpo não ser dominado por uma força maior. Como alertou Spinoza em *Ética* IV, Axioma, “Não existe, na natureza das coisas, nenhuma coisa singular relativamente à qual não exista outra mais potente e mais forte. Dada uma coisa qualquer, existe outra, mais potente, pela qual a primeira pode ser destruída” (2007, p. 269). Isto nos remete à ideia de que o plano dos afetos não pode ser compreendido, senão por um entendimento político. A servidão humana deve-se ao fato de que somos constantemente ameaçados de sermos destruídos, o que, portanto, implica que a vida deva ser considerada sob certos limites.

Sob esse aspecto, consideremos que os seres se encontram sempre imersos em um meio que não é, *a priori*, favorável. O modo de um ser, ou seja, uma relação de proporções determinada e específica de suas partes, ou sua essência atual, como dirá Spinoza, não é outra coisa senão seu esforço em perseverar. Isto implica, como sublinhou Spinoza, que o ser, por necessidade, *resista* àquilo que ameaça destruí-lo, antecipar sua finitude, assim como torná-lo impotente, incapaz de agir. Esta ideia se encontra igualmente presente no pensamento de Reich que conduz o entendimento da

resistência às últimas fronteiras do corpo. *Um modo de resistir é igualmente um modo de pensar e agir*, assim como *um modo de corpo é um modo estratégico de persistir na existência e também um modo de agenciar-se e de expressar seus afetos*, isto é, comunicar-se.

Buscaremos apresentar algumas considerações a respeito do processo de construção do conhecimento a partir de um diálogo entre as obras de Reich e Spinoza. Apresentaremos três capítulos. O primeiro intitulado "**O conhecimento a partir do corpo e dos afetos**" terá por objetivo apresentar a problemática enunciada por Reich nos anos iniciais de sua participação na associação psicanalítica. Evidenciaremos a adesão do autor ao pensamento natural-científico, apresentado nas proposições freudianas desde a época de seu *Projeto para uma psicologia científica* (1996). Buscaremos, todavia, apontar algumas distinções importantes no entendimento de ciência e Natureza presente no pensamento dos autores.

Nesse sentido, teceremos uma discussão sobre os conhecimentos racionais e os conhecimentos sensíveis, que nos abre caminho ao *problema do primeiro gênero de conhecimento* em Spinoza. Esse será apresentado mediante um diálogo com o artigo de Martins intitulado *Sobre a imaginação como virtude* (2008), no qual defenderá que a imaginação não é anulada pela presença de um conhecimento racional. O primeiro gênero de conhecimento aponta-nos um conhecimento que se dá mediante os afetos, o que permite que se entre em *contato com o real e com a realidade das coisas*, sem que, para tanto, seja necessário qualquer clareza racional.

Para Reich, a *sensorialidade* é o instrumento mais importante de um investigador em seu processo de conhecimento do real, visto que o real não é formado a partir de categorias fixas ou estáveis, mas por movimento e fluxo. Apresentaremos,

assim, o conceito de Reich de *contato psíquico*, enquanto um *estado de atenção* aos fluxos vegetativos que atravessam o corpo, bem como a relação entre as *sensações de órgão* postuladas pelo autor e o processo de conhecimento. Destacamos que uma importante atividade da clínica parte da auto-observação dos afetos, os quais produzem igualmente ações e pensamentos. É por meio de um *contato* com os próprios sentimentos e sensações que é possível acessar um plano de *comunalidade* e ter, assim, ideias verdadeiras e adequadas sobre as coisas e sobre os afetos. O oposto também é verdadeiro, de forma que o pensamento que *cinde e dissocia aquilo que se sente perde-se facilmente em abstrações e em conclusões afoitas ou equivocadas*.

O corpo, como foi explorado por Reich e Spinoza, exhibe um modo de conhecimento importante, uma vez que é através dele que a mente é capaz de saber a respeito daquilo que convém ou não à sua própria potência. Buscaremos discutir, entretanto, em que medida um ser que tem seu poder de afetar e ser afetado reduzido, como dirá Spinoza, ou de pulsar, como dirá Reich, pode ter ideias verdadeiras da realidade. Neste intuito, buscaremos apresentar o conceito de verdade no pensamento do filósofo, ao qual se atribui um *método* de conhecimento do real.

Nessa esteira, procuraremos apresentar que o conhecimento do incerto e do móvel apenas se dá mediante um estado de fusão e indiferenciação entre as coisas, isto é, pela *inseparabilidade entre sujeito e objeto* do conhecimento.

Por fim, discutiremos como o pensamento é capaz de operar na imanência e, de maneira oposta, na transcendência. Apresentaremos a concepção de uma *função transcendente do pensamento*, enquanto uma forma de separação ou destacamento em relação à realidade. Diremos que essa função transcendente do pensamento equivale, em termos somáticos, à *função de encorajamento do corpo*, de modo que *quando o corpo*

encouraça, isto é, blinda-se contra as mobilizações afetivas, *o pensamento transcende* na mesma medida.

O segundo capítulo intitulado “**Considerações sobre o princípio dos afetos em Reich e Spinoza**” iniciar-se-á a partir das questões apresentadas por Reich em *Análise do Caráter* (2001a) a respeito dos problemas da técnica psicanalítica de tratamento das neuroses. Abre-se então uma questão central que diz respeito às *duas dimensões de problema* que se encontram conjugadas no trabalho clínico: a *demanda de tratamento* e o *processo de produção do conhecimento*. Em acompanhamento às considerações de Reich, destacaremos que, antes de intervir, o analista deve *ser capaz de construir para si adequadamente o problema analítico*. Tal questão nos conduz a considerações importantes a uma análise clínica, que é o *lugar* ou o *plano* a partir do qual se considera tanto a origem do problema que é trazido pelo analisando, quanto a origem da problematização do próprio caso. Analisaremos também o importante indicador metodológico de Reich quando nos diz que “*a técnica de uma determinada situação deve se desenvolver a partir da própria situação analítica específica*” (2001a, p. 20), isto é, que o analista deve abrir mão de quaisquer pré-conceituações para o entendimento e a intervenção adequadas ao caso e construir *ad hoc* seu próprio sistema de referências.

Faremos uma breve incursão ao método genealógico de Nietzsche a fim de explicitar a temática da origem e, em sequência, apresentaremos as concepções de Freud e Reich a respeito da origem das expressões afetivas, ou seja, como concebem a base de tais produções.

O tema das *forças pulsionais*, que atravessa esta discussão, será abordado a partir das contribuições freudianas iniciais em sua teoria da *sexualidade*. Veremos em

que paradigma suas considerações se encontravam e qual a compreensão que Reich busca resgatar a fim de criar um entendimento sobre a ordem dos afetos.

O tema da sexualidade conduzir-nos-á *ao tema do corpo enquanto dimensão biológica e intensiva*. Nesse momento apresentaremos algumas relações entre o pensamento de Reich e Spinoza em respeito ao entendimento do *problema mente-corpo*. Tal discussão implicará algumas considerações a respeito de um *princípio único formador do cosmos*, para o qual os autores se voltaram em perspectivas próximas, ainda que se evidenciem importantes distinções tanto em termos conceituais, quanto das propostas de uma terapêutica dos afetos. Demonstrar-se-á que estas derivam das diferentes problemáticas que apresentaram-se aos autores em suas épocas, em função de suas práticas: Reich como *médico e cientista* e Spinoza como *filósofo*.

Em sequência, buscaremos elucidar em que sentido se inviabiliza pensar em Spinoza ou em Reich uma *concepção psicossomática* dos processos somáticos e psíquicos. Neste sentido, a questão a ser considerada é por quais meios as leis físicas que regem igualmente a matéria viva e não-viva podem explicar os processos psíquicos. Acreditamos que um dos pontos de bifurcação no entendimento das bases orgânicas dos processos psíquicos no pensamento de Freud e Reich nos auxilie a elucidar essa questão.

A relação da pulsão com o inconsciente foi apresentada por Freud enquanto um cruzamento de duas dimensões distintas, a psíquica e somática. Freud, contudo, introduz igualmente o termo *representação* que, conforme buscaremos apresentar, implicou um certo reducionismo e tornou-se uma dificuldade na compreensão dos processos naturais que envolvem simultaneamente o corpo e a mente. Assim, buscaremos apresentar uma hipótese a respeito do motivo pelo qual Freud deixa de investigar essa relação por meio

do corpo e se volta às representações mentais, em afastamento ao primeiro.

A via assumida por Reich para a investigação da dimensão do *entre* o psíquico e o somático se deu pelo resgate das considerações iniciais freudianas a respeito da sexualidade e do *princípio energético* presente na *Teoria da libido* (1905). Segundo explica Reich, Freud foi o primeiro pesquisador no campo da psicologia a assumir a existência de uma *energia psíquica* e de acordo com esta visão as ideias psíquicas e as percepções estavam associadas a *quantidades variáveis de afeto* (REICH, 1990, p. 4). O tema do afeto e das variações intensivas no corpo conduz-nos diretamente ao pensamento de Spinoza, que afirma que *a mente é a ideia do corpo* (SPINOZA, 2007, p. 97). Veremos que Reich, em sua investigação sobre a sexualidade, chega a um postulado semelhante ao do filósofo, ainda que por vias distintas do primeiro.

Na mesma linha de relação entre o pensamento do filósofo e o de Reich, buscaremos apresentar como o conceito de *potência* aparece na obra dos autores e acreditamos encontrar aproximações que contribuem à compreensão das diferentes perspectivas. Na obra de ambos, *há sempre a figuração de um corpo que se abre à relação com os demais e é por esta capacidade que se torna possível compreender os modos de agir e ter ideias*.

Apresentaremos o operador clínico-analítico “*como*” apresentado por Reich (2001a, p. 57) e destacado por Ferri (2009)¹, que nos evidencia, por meio de uma linguagem do corpo, o *modo* pelo qual um ser age, persevera e concatena ideias. Apontaremos a dupla função desse operador: o “*como*” enquanto *funcionamento* e *estratégia* do corpo em função de seu êxito vital e o “*como*” enquanto *linguagem*

¹ Curso *Psicopatologia e Caráter* ministrado no Opera Hotel em São Paulo a convite da Sociedade de Vegetoterapia de São Paulo em 2009.

expressiva. Veremos na analítica de Reich, que *o funcionamento biológico, a estratégia vital e a linguagem expressiva* encontram-se intrinsecamente ligados.

Enquanto Spinoza nos fala de potência enquanto um *poder de afetar e ser afetado*, Reich denomina *potência orgástica* a capacidade do corpo de tensionar e destensionar adequadamente e de ser capaz de *convulsionar dado um estado de excesso de energia*. Em outros termos, Reich explicará que os afetos expansivos e contráteis provocam um acúmulo de excitações que necessitam ser periodicamente descarregadas, o que implica diretamente a capacidade do organismo de *pulsar*, isto é, alternar ritmos e não se tornar restrito em seus movimentos.

Nesse intento, estabeleceremos uma relação entre os afetos de *prazer e angústia* em Reich e os afetos de *alegria e tristeza* em Spinoza, que conjugam, da mesma maneira, o pensamento e a extensão, a fisiologia. Faremos uma incursão no conceito de apetite (*cupiditas*) do filósofo e teceremos algumas considerações a respeito da compreensão reichiana sobre a atividade sexual. Sobre o processo de excitação sexual analisado por Reich, encontramos três parâmetros que aparecem simultaneamente: *um impulso motor, uma sensação de prazer e respostas excitatórias parassimpáticas do Sistema Nervoso Autônomo* (REICH, 1982, p. 25). Nesse percurso, retornaremos às condições de possibilidade de contato psíquico e dos estados de motilidade do corpo, uma vez que o ser, ao ser pouco capaz de *sustentar estados moventes e afetivos do corpo*, não é capaz de *variar* em expansão e contração e tampouco *saber sobre seus próprios estados afetivos ou sobre as coisas que o afetam na direção de alegria ou tristeza*.

Esclareceremos a função do *prazer* no pensamento de Reich e seu sentido vital e não-teleológico, como equivalente a uma *atividade de expansão*. Da mesma maneira,

buscaremos a compreensão de que o *prazer*, como entendido pelo autor, *não equivale à descarga de energia*, o que implicaria um exercício da sexualidade entendida apenas como aquietação de um estado de tensão, visando apenas um *telos*, um fim determinado, a descarga.

Evidenciaremos, igualmente, o papel das *marcas*, *vestígios* ou *impressões corporais* em relação aos afetos. Veremos que, em Reich, a questão dos traços corporais que são marcados ao longo do tempo se constituiu como parâmetro central à sua análise clínica a qual denominou *Análise do Caráter* (2001a).

Destacaremos o papel dos *bons* e dos *maus* encontros na obra dos autores, através dos quais as marcas são impressas nos corpos. Apresentaremos também em que sentido um corpo tomado constantemente por afetos de tristeza e angústia produz uma condição de *envenenamento* que impossibilita a vida ao decompor o corpo.

Por último, no terceiro capítulo, intitulado “**O princípio estratégico vital**”, buscaremos apresentar brevemente como o *zeitgeist* ou o espírito cultural e científico da época de Spinoza no século XVII e de Reich na passagem do século XIX para o século XX influenciaram suas obras e o percurso de seus escritos e construções teóricas. Em Reich, a problemática do corpo é investigada sob a influência de determinados princípios em revisão pela física, sobretudo em relação à *segunda lei da termodinâmica*, no advento de importantes teorias que surgiram como ultrapassamento dos reducionismos estabelecidos pelo pensamento materialista-mecanicista, pela introdução do paradigma da física quântica e da complexidade.

Nessa terceira parte, apresentaremos uma ótica energética dos processos do vivo em relação à teoria de sistemas e às teorias contemporâneas da física, em particular através dos conceitos de *entropia* e *negentropia*, ou entropia negativa. Reich já

evidenciara que a energia vital cósmica denominada por ele *orgone* possuía características que contradiziam o conceito de entropia formulado pela segunda lei da termodinâmica. Esta mesma linha de pensamento tem sido desenvolvida no pensamento de Reich por autores pós-reichianos como Genovino Ferri.

Dado o princípio *negentrópico-sistêmico* da vida, que busca se conservar por meio de agenciamentos com outros sistemas, apresentaremos o conceito de *conatus* ou *esforço de perseverança* de Spinoza e o relacionaremos às concepções energéticas de Reich e sua investigação a respeito dos processos de autorregulação da vida.

O conceito de *conatus* spinoziano implica o esforço de seres ou modos finitos de evitar serem dominados por processos que venham decompor suas partes e levá-los à destruição (SPINOZA, 2007, p. 173). Esse esforço, contudo, na medida em que se exerce em uma dimensão física e extensiva, remete à conservação de uma proporção de movimento e repouso que implica uma *dimensão formal* do ser. Esta temática – *a existência de uma dimensão formal que se relaciona diretamente à potência do ser e sua capacidade de perseverar* – constitui-se como um dos pilares da teoria reichiana, ao tempo em que a potência, a capacidade vital e a capacidade de conhecer subjazem à constituição física do corpo.

A *forma* no pensamento reichiano apresenta-se igualmente enquanto uma disposição ou um *modo* de existir de um ser e enquanto um importante parâmetro analítico-clínico. Os aspectos formais interessaram mais a Reich do que os conteúdos, os enunciados e as representações enquanto material analítico, uma vez que compreender a forma de um sistema vivo é compreender um processo de composição ao longo do tempo que exhibe uma função vital e um modo estratégico de existência.

Nesse sentido, afirma Bove (2012) que o *conatus* é essencialmente *estratégico* e

fala-nos dos modos de *resistência* encontrados pelo ser a fim de perseverar mediante os encontros que possam destruí-lo. Encontramos em Reich essa mesma concepção, que formulou a partir dos problemas apresentados da técnica psicanalítica, quando os analistas buscavam compreender o fenômeno da "reação terapêutica negativa" e os processos de resistência do analisando contra o trabalho analítico (2001, p. 59). Sendo assim, a concepção reichiana aproxima-se daquela de Spinoza *quando compreende que a própria atividade vital é uma atividade de resistência*, ainda que o modo pelo qual venha a resistir possa se fazer paradoxal à própria potência.

Reich propõe a *análise da forma* como *porta de entrada ao processo de investigação*, pois na forma encontra-se todo processo histórico, todas as soluções vitais que um ser deu aos encontros bons e maus e aos *problemas* que esses lhe colocavam, condensadas sob um modo atual e global de existir, persistir, agenciar e conhecer. Reich compreende que este processo de *resistência* e de *existência* se constitui no corpo enquanto uma *teia de forças* ou, podemos dizer, uma *trama afetivo-intensiva*, que se elabora na própria imanência, por meio de uma composição de fluxos que estão para além das esferas individuais. Assim, assumiremos que o acesso ao conhecimento, sob o ponto de vista clínico, dar-se-á mediante o trabalho com as resistências e que esse trabalho não implica aquilo que resiste à análise, mas o que existe enquanto endurecimento de uma forma. Se, a rigor, a forma é o que obstaculiza o plano de imanência, *proporemos a entrada pela forma a fim de acessar o plano intensivo*, tarefa que acreditamos caber ao trabalho de conhecimento.

Por fim, nossa discussão busca colocar questões para o que seja produzir conhecimento. Assumimos que *a colocação de um problema não possa ser apenas lógica, mas que deva envolver a realidade do corpo*. Dessa maneira, nossa proposta

parte da investigação dos parâmetros e aspectos da vida que se encontram relacionados à possibilidade de *conhecer verdadeiramente* no sentido spinoziano, enquanto *conhecimento dos processos reais*. Igualmente, buscaremos investigar por *quais meios a mente deixa de ter acesso a esse conhecimento e aprisiona-se em ideias falsas e inadequadas a respeito da realidade*.